

# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IV

Nº 44/46

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

“Quando nasci,  
um anjo torto  
desses que vivem  
na sombra disse:  
vai, Carlos!  
ser *gauche* na vida”

# Drummond

No meio do caminho tinha um poeta  
tinha um poeta no meio do caminho...  
Havia um poeta...  
Já faz dez anos...



Biblioteca/CLDF

CONTRATO Nº 2810/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: ACCÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO

ENTREVISTA  
Um garimpeiro  
da arte popular

# CREPÚSCULO PLANGENTE

.. quando o sol da vida já declina...

Guerra Junqueiro

□ José Helder de Souza

*Os raios do sol ainda me iludem e varam a vidraça, incidindo e mostrando uma soberba e feia coruja, olhuda e chifruda, esculpida num madeiro, pousada em ilusórios livros, também talhados em pau...*

Crepúsculo flamejante - nesta hora, na minha infância, a minha avó Carmelina (há quanto tempo?) entrava na nave escura da igreja matriz de Massapé para rezar ouvindo a "Ave-Maria", de Charles Gounod, tocada, num antigo harmônio, por sua filha Enoi, cega de nascença - neste crepúsculo de agora, não menos rutilante, o sol meteu um raio através da vidraça e iluminou, de face, duas pedras brancas postas ao pé das estantes deste escritório sombrio, bem junto da bengala do avô Guilherme, disposta num canto - decoração e lembrança -, os seixos rolados ornando o chão desta sala repleta de coisas e de recor-

dações, como as da avó e do avô levados pelo tempo.

Uma das pedras, em forma de uma bola ovalada do tamanho de uma mão, veio da beira do rio Corumbá, Pirenópolis, Goiás, apanhada na beira do rio, depois da festa de Ano-Novo de 1980, a feliz data da reunião prazerosa, num hotel de turismo, com a mulher e os filhos, deveria estar inscrita numa de suas rotundas faces, como lousa dos dias idos a vagar soltos na memória esgarçada, sem registro lapidar.

A outra, menor, também arredondada, mas achatada dos lados, sem qualquer grafia em suas faces, veio de longe, da praia do Camocim, ribeira do rio Coreau, que leva águas - poucas - ao mar Atlântico, onde sentado chorei meus primeiros desencantos, aos 10 anos de idade.

Mas esta pedrinha a apanhei depois, muito depois, quando lá voltei, já velho, a procurar (não en-



contrei) os dias de eu menino.

As duas pedras, alvacentas como os leitos dos rios que foram, rememoram as idades, o sol insiste em luz sobre suas faces mortas - não inscritas, porém cheias de visões de outrora.

Enquanto há luz crepuscular e recordativa, a visão sobe e vê, na mesma estante, alto do chão, um barco que nunca navegou: tem dois palmos, convés baixo, imita um rebocador - na cobertura superior da proa carrega, como únicos tripulantes, dois copinhos; na meia-nau, como torre de comando, uma quadrangular garrafa de cristal, continente translúcido de avinhados sonhos, lembrança de amáveis encontros com meu pai Raymundo Olavo, que já se foi sem dizer adeus mas deixou a saudade feito barco em miniatura navegando em minha estante, enchendo-me de avinhados sonhos, com dois copos para mim mesmo que vivo e libo solitário.

Os raios do sol inda me iludem e varam a vidraça, incidindo e mostrando uma soberba e feia coruja, olhuda e chifruda, esculpida num madeiro, pousada em ilusórios livros, também talhados em pau... Pássaro de inaudita face, grandes asas fechadas sobre tronco curto, sem vôo algum, veio de longe... Seus cornos e seus olhos apagados são de depois dos amores praianos da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, ai como dói ser antigo, vive-se olhando para si mesmo - a fealdade da coruja - perdidos os atributos e encantos juvenis.

Ao lado da feia coruja, o sol, que ainda insiste em iluminar esta pequena sala onde abrigo meus desencantos, velhos e novos, mostra, pregado na parede, um antigo retrato de dois jovens, elegantemente emoldurado num quadrinho; os dois rapazes caminhando sob chuva, metidos em capas de "shantung", pela Avenida Barão do Rio Branco, no Rio de Janeiro: eu mesmo quando ainda freqüentava as alegres casas de putas da rua Alice, meti-

do num terno de casemira preta riscado de listas brancas, que a capa de todo não escondia, fumando o cigarro das ilusões; ao lado, meu inesquecível amigo Bolívar (Bolívar, se dizia) Costa, homem da Ubajara, Serra Grande - o único cosmopolita que já conhecera, capaz de dissertar sobre a filosofia de Aristóteles ou de Platão e dizer quantas faces tem o universo, plano ou curvo, medieval ou eisensteiniano e, por entre todas sabenças de ciência, o gosto pela arte literária, a recitar, em noites avinhadas, versos de Antonio Nobre \* (o "Anto das Ânias")... "desde o Ódio ao Tédio. Moléstias d'Alma para as quais não há remédio"... igual só ao meu nojo de agora, neste crepúsculo... Morreu, o Bolívar, quando não devia, deixou as saudades da juventude - o retrato na parede, perto da coruja - e sua irreparável ausência.

O sol e seus persistentes raios vão subindo - quanto mais sobem, mais vai se indo o astro para o poente - e mostram um pássaro pousado sobre velhos dicionários. Pequeno, no meio da livraria em que repousa, não se

sabe de que família passeriforme, só que é de ceriforme e veio da China, de contrabando. Tem bico amarelo, cocuruto erguido em crista alta, rabo longo, fecha as asas sobre altaneiro peito, nunca voou desde que o comprei em Manaus, quando lá fui com a amada Neide minha, faz anos, ver como correm os rios e como voam os pássaros, que não este pousado em minhas desilusões e saudades. Não sei que música ao longe, soando na agonia da tarde, me diz: - Passarinho é assim mesmo, só os vemos pousados, se voam nunca os vemos bem ou jamais os veremos, sonhos perdidos.

Perto do memorável passarinho quietíssimo, vêm-se umas rubras rosas de plástico - puros enganos - postas em esgaldados jarros, dois, de pedra sabão: tudo visto sob os últimos raios do sol, tediosas evocações - a avó encantadora em sua tristura na penumbra da igreja e a música do harmônio, o sortilégio das pedras e dos rios, o barco navegando no seco das recordações paternas, o fascínio da coruja e do passarinho imóvel, os rapazes do retrato na parede, as rosas vermelhas dos sonhos enganosos, tudo se foi, tudo se vai, o sol morrendo, eu vendo seu descair no horizonte fugidio, e, no escuro de agora, as incertezas de outro arrebol, outro dilúculo, no momento, porém, trevas, escuridades talvez para sempre...



*Antonio Nobre foi um grande poeta simbolista português. O seu simbolismo como que exigia que certas palavras - os símbolos - fossem gravadas com inicial maiúscula - Moléstia, Alma, Ódio, Tédio...*